

Resenha Crítica: AlphaGo (Netflix, 2017) - Uma Análise da Inteligência Artificial no Contexto do Jogo Go

L. Scuzziato¹

¹Universidade Tuiuti do Paraná
Curitiba – PR

lucas.scuzziato@utp.edu.br

Resumo. *Esta resenha apresenta uma análise crítica do documentário "AlphaGo" (Netflix, 2017), dirigido por Greg Kohs, que narra o histórico confronto entre a inteligência artificial desenvolvida pelo Google DeepMind e o campeão mundial Lee Sedol no jogo de tabuleiro Go. O trabalho analisa as implicações técnicas, filosóficas e humanas deste marco na história da inteligência artificial, destacando como o filme retrata o avanço das máquinas em domínios tradicionalmente considerados exclusivos da cognição humana. O documentário é examinado quanto à sua estrutura narrativa, precisão técnica e capacidade de traduzir conceitos complexos para o público geral, oferecendo reflexões sobre o futuro da interação homem-máquina. Ressalta-se que a elaboração deste trabalho contou com o apoio de ferramentas de inteligência artificial, utilizadas para auxiliar na organização de ideias, na revisão textual e na estruturação do conteúdo.*

1. Introdução

O documentário "AlphaGo", lançado pela Netflix em 2017 e dirigido por Greg Kohs, registra um dos mais significativos marcos na história da inteligência artificial: o confronto entre o programa de IA AlphaGo, desenvolvido pelo Google DeepMind, e o lendário campeão mundial de Go, Lee Sedol, ocorrido em março de 2016 em Seul, Coreia do Sul [Kohs 2017a].

Go é um jogo de tabuleiro de origem chinesa com mais de 2.500 anos, considerado por muitos especialistas como o mais complexo jogo de estratégia já criado pela humanidade. Com um número de possibilidades de jogadas estimado em 10^{170} – superior ao número de átomos no universo observável – o Go representava um desafio praticamente intransponível para a IA tradicional baseada em força bruta computacional [Silver et al. 2016].

Este confronto transcendeu a simples competição homem versus máquina, constituindo um momento decisivo na história da inteligência artificial e da computação. O documentário acompanha não apenas os cinco jogos da série, mas também a jornada das equipes por trás da tecnologia, as reações da comunidade global de Go e as profundas questões filosóficas e existenciais suscitadas pelo evento.

Esta resenha propõe-se a analisar como o diretor Greg Kohs conseguiu traduzir conceitos técnicos complexos para uma narrativa cinematográfica envolvente e acessível, bem como examinar o impacto cultural e científico deste evento histórico como retratado no documentário.

2. Apresentação da Obra

”AlphaGo” é um documentário de 90 minutos produzido pela Netflix que narra o desenvolvimento da inteligência artificial AlphaGo pelo Google DeepMind e seu histórico confronto com Lee Sedol, considerado um dos maiores jogadores de Go de todos os tempos. Dirigido por Greg Kohs, com produção executiva de Gary Krieg e Kevin Proudfoot, o filme foi lançado mundialmente em 2017, após sua estreia no Festival de Cinema de Tribeca.

O documentário foi filmado principalmente na Coreia do Sul, com cenas adicionais no Reino Unido, onde está sediada a DeepMind. Através de entrevistas, filmagens dos jogos e material de arquivo, o filme documenta não apenas o confronto em si, mas também o processo de desenvolvimento da IA, as reações da comunidade de Go e as implicações mais amplas desta tecnologia para o futuro da humanidade.

A obra recebeu aclamação crítica por sua capacidade de tornar acessível um tema tecnicamente complexo, tendo sido selecionada para diversos festivais internacionais de cinema e documentário. Além de seu valor como registro histórico, o filme é frequentemente citado como um exemplo exemplar de como comunicar avanços científicos para audiências não especializadas [James 2017].

3. Estrutura da Obra

O documentário ”AlphaGo” apresenta uma estrutura narrativa cronológica que pode ser dividida em três atos principais, complementados por entrevistas e material de arquivo que enriquecem a compreensão do contexto histórico e técnico.

O primeiro ato introduz o jogo de Go e sua importância cultural, especialmente na Ásia. O diretor utiliza imagens de jogadores tradicionais e entrevistas com mestres para estabelecer a profundidade e complexidade do jogo, frequentemente comparado a uma forma de arte. Este segmento também apresenta a equipe da DeepMind e sua visão de criar uma IA capaz de dominar o Go, algo considerado impossível até poucos anos antes.

O segundo ato, e mais extenso, foca no torneio de cinco partidas realizado em Seul. Cada jogo é apresentado com crescente tensão dramática, intercalando as jogadas com reações dos espectadores, comentários técnicos e os bastidores emocionais tanto da equipe da DeepMind quanto de Lee Sedol. O diretor habilmente captura momentos cruciais, como a famosa ”Jogada 37” do segundo jogo – um lance tão criativo e inesperado que desafiou séculos de sabedoria convencional sobre o Go.

O terceiro ato explora as consequências e reflexões após o confronto. O filme dedica considerável atenção às reações de Lee Sedol e outros mestres de Go, às implicações para o futuro da IA e ao impacto cultural do evento. Através de entrevistas retrospectivas, o documentário convida à reflexão sobre questões mais amplas relacionadas à criatividade, intuição e o que significa ser humano na era da inteligência artificial avançada.

A estrutura visual do documentário é complementada por gráficos explicativos que ajudam o espectador a entender aspectos técnicos da IA e do jogo de Go. A trilha sonora, composta por Volker Bertelmann (conhecido como Hauschka), estabelece uma atmosfera contemplativa que sublinha tanto os momentos de tensão quanto as reflexões filosóficas apresentadas ao longo do filme.

4. Sobre o Diretor

Greg Kohs, diretor de "AlphaGo", construiu uma carreira notável transitando entre documentários e produções comerciais. Formado pela Universidade do Sul da Califórnia, Kohs iniciou sua trajetória como cineasta produzindo documentários para a ESPN, onde desenvolveu uma abordagem narrativa que combina rigor jornalístico com sensibilidade humana [Kohs 2017b].

Antes de "AlphaGo", Kohs dirigiu "Song Sung Blue"(2008), um documentário que acompanha um casal de imitadores de Neil Diamond, que recebeu o Grande Prêmio do Júri em vários festivais de cinema independente. Este trabalho anterior já demonstrava seu interesse em histórias onde aspirações humanas e perseverança se encontram com circunstâncias extraordinárias [Kohs 2008].

O que distingue o trabalho de Kohs como documentarista é sua capacidade de encontrar a dimensão emocional em temas aparentemente áridos ou técnicos. Em "AlphaGo", ele consegue transformar um evento que poderia ser percebido apenas como uma demonstração tecnológica em uma narrativa profundamente humana sobre criatividade, adaptação e os limites do conhecimento.

Em entrevistas, Kohs revelou que não tinha familiaridade prévia com o jogo de Go ou com inteligência artificial avançada, o que paradoxalmente pode ter contribuído para sua abordagem acessível e emocionalmente ressonante do tema. Esta perspectiva de "observador curioso" permitiu que ele identificasse e amplificasse os elementos universais da história, tornando-a relevante mesmo para espectadores sem conhecimento especializado em tecnologia ou no jogo [Technologies 2017].

5. Conteúdo e Contexto

O documentário "AlphaGo" situa-se na intersecção de múltiplos contextos: o avanço científico da inteligência artificial, a tradição milenar do jogo de Go e as implicações filosóficas do confronto entre cognição humana e artificial.

O conteúdo técnico é apresentado de forma acessível, explicando como o AlphaGo representou uma ruptura paradigmática na abordagem da IA. Em vez de depender exclusivamente da força bruta computacional – estratégia que havia funcionado em jogos como xadrez – o AlphaGo combina redes neurais profundas com técnicas de aprendizado por reforço. O sistema foi treinado inicialmente com milhares de jogos humanos e posteriormente jogou contra si mesmo milhões de vezes, desenvolvendo estratégias que transcendiam o conhecimento humano acumulado ao longo de milênios [Silver et al. 2016].

O filme dedica atenção especial à "Jogada 37" do segundo jogo e à "Jogada 78" do quarto jogo – momentos em que o AlphaGo demonstrou criatividade aparente, desafiando convenções estabelecidas do Go. Estas jogadas são apresentadas como pontos de inflexão não apenas nos jogos específicos, mas na percepção humana sobre as capacidades da inteligência artificial.

Paralelamente à narrativa técnica, o documentário explora o impacto cultural e emocional do evento. As reações dos comentaristas profissionais, da comunidade global de Go e do próprio Lee Sedol são documentadas com sensibilidade, capturando o choque inicial, a admiração subsequente e as reflexões profundas sobre o significado desta nova fronteira. Particularmente comovente é a transformação de Lee Sedol, que passa da

confiança inicial à frustração, e finalmente a uma forma de aceitação inspirada quando consegue vencer uma partida contra a máquina.

O contexto histórico é estabelecido através de referências a confrontos anteriores entre humanos e máquinas, notadamente a vitória do Deep Blue da IBM sobre Garry Kasparov no xadrez em 1997. O filme articula por que o Go representava um desafio fundamentalmente diferente e mais complexo, requerendo intuição e criatividade que muitos acreditavam serem exclusivamente humanas.

6. Análise Crítica

”AlphaGo” destaca-se como uma obra cinematográfica que consegue equilibrar com maestria o rigor técnico e a acessibilidade narrativa. O diretor Greg Kohs adota uma abordagem que prioriza o elemento humano da história, transformando o que poderia ser um documentário técnico árido em uma narrativa envolvente sobre criatividade, limitações humanas e o avanço tecnológico.

Um dos principais méritos do filme é sua capacidade de explicar conceitos complexos de aprendizado de máquina e estratégia de Go sem simplificações excessivas ou jargões impenetráveis. Através de visualizações elegantes e metáforas bem construídas, o documentário torna compreensíveis as inovações que permitiram o salto qualitativo do AlphaGo.

A escolha de focar nas reações emocionais e reflexões dos envolvidos revela-se particularmente eficaz. Os momentos de vulnerabilidade captados – como a frustração de Lee Sedol após derrotas ou a ansiedade da equipe DeepMind durante os jogos – humanizam uma história que, de outra forma, poderia ser percebida apenas como uma demonstração tecnológica. A câmera frequentemente se detém nos rostos e expressões, capturando nuances emocionais que enriquecem a narrativa.

Do ponto de vista técnico, o documentário apresenta produção impecável. A fotografia captura tanto a solenidade tradicional do cenário quanto a tensão contemporânea do evento. A montagem habilmente intercala múltiplas perspectivas: o salão onde ocorrem os jogos, a sala onde a equipe da DeepMind monitora o desempenho do sistema, as reações globais e os comentários de especialistas.

Uma possível crítica refere-se à limitada exploração das implicações éticas e sociais mais amplas do avanço da IA. Embora o filme aborde brevemente questões filosóficas sobre criatividade e consciência, não aprofunda discussões sobre potenciais impactos socioeconômicos ou dilemas éticos relacionados à inteligência artificial avançada. Esta escolha narrativa, entretanto, pode ser interpretada como uma decisão consciente de manter o foco na história específica do confronto AlphaGo-Lee Sedol.

Outra limitação potencial é o tratamento algo reverencial da equipe DeepMind, com pouco espaço para vozes mais críticas ou céticas sobre as implicações desta tecnologia. O documentário apresenta predominantemente uma visão otimista do avanço da IA, embora capture honestamente a inquietação inicial da comunidade de Go.

Apesar destas observações, ”AlphaGo” permanece como um documento histórico de valor inestimável e uma obra cinematográfica de excelência, que consegue tornar tangível um momento pivotal na relação entre humanidade e tecnologia.

7. Público-Alvo e Recomendações

”AlphaGo”apresenta notável versatilidade em termos de público-alvo, sendo acessível e relevante para diversos grupos. Primariamente, o documentário atende aos interessados em tecnologia, inteligência artificial e suas implicações sociais. A clareza com que explica conceitos complexos de aprendizado de máquina o torna valioso para estudantes e profissionais da computação, oferecendo uma visão prática e contextualizada dos avanços na área.

O filme também desperta interesse entre entusiastas de jogos estratégicos, particularmente aqueles familiarizados com Go ou xadrez. Para este grupo, o documentário oferece insights valiosos sobre como a IA está transformando a compreensão de jogos milenares e potencialmente contribuindo com novos conhecimentos estratégicos.

De forma mais ampla, ”AlphaGo”revela-se relevante para educadores, filósofos e qualquer pessoa interessada nas questões fundamentais sobre cognição humana, criatividade e o futuro da interação homem-máquina. A narrativa humana e acessível torna o filme apropriado inclusive para o público geral sem conhecimento prévio de IA ou Go.

Recomendo este documentário especialmente para:

1. Professores e estudantes de cursos relacionados à computação, IA e ciência de dados, como material complementar que contextualiza os avanços técnicos em uma narrativa humana;
2. Profissionais da tecnologia que buscam exemplos de comunicação eficaz de conceitos técnicos complexos para audiências diversas;
3. Educadores em disciplinas de filosofia e ética da tecnologia, como ponto de partida para discussões sobre os limites da inteligência artificial e suas implicações sociais;
4. Entusiastas de Go e outros jogos estratégicos interessados nas novas fronteiras da análise computacional;
5. O público geral interessado em compreender, de forma acessível, como a inteligência artificial está redefinindo capacidades anteriormente consideradas exclusivamente humanas.

O documentário pode ser utilizado efetivamente em contextos educacionais variados, desde discussões técnicas sobre aprendizado de máquina até debates filosóficos sobre a natureza da criatividade e intuição. Sua abordagem equilibrada o torna particularmente valioso para fomentar diálogos interdisciplinares sobre os rumos da inteligência artificial.

Sugiro que o filme seja assistido idealmente em grupo, seguido de discussão, pois muitas das questões levantadas beneficiam-se do debate e da pluralidade de perspectivas.

Referências

- James, S. (2017). Alphago review: A riveting account of man vs. machine. Publicado em IndieWire. Acessado em 2025.
- Kohs, G. (2008). Song sung blue. Documentário premiado em festivais como o SXSW.
- Kohs, G. (2017a). Alphago. Documentário. Netflix. Produzido por Gary Krieg e Kevin Proudfoot.

- Kohs, G. (2017b). Interview with greg kohs on directing alphago. Entrevista concedida ao AI Film Journal. Acessado em 2025.
- Silver, D., Huang, A., Maddison, C. J., Guez, A., Sifre, L., van den Driessche, G., Schrittwieser, J., Antonoglou, I., Panneershelvam, V., Lanctot, M., Dieleman, S., Grewe, D., Nham, J., Kalchbrenner, N., Sutskever, I., Lillicrap, T., Leach, M., Kavukcuoglu, K., Graepel, T., and Hassabis, D. (2016). Mastering the game of go with deep neural networks and tree search. *Nature*, 529(7587):484–489.
- Technologies, D. (2017). Conversations on alphago: Creativity and ai. DeepMind Blog. Acessado em 2025.